

A alma ditosa nasce noutra nível.

- 73 E' o parto novo... E a vida imperecível
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

5

CAIM

- Qual monstro hirsuto que se desenterra,
76 Aborto horrendo de sinistro abdômen,
Torna Caim, sem látegos que o domem,
Para a nova balística da guerra!

- As medonhas mandíbulas descerra,
Indiferente às chagas que o carcomem,
E, bramindo, desperta na alma do homem
82 As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,
E, embora em pranto, envolve de amor puro
O lobo famulento da caverna.

73. Aposiopese: "E' o parto novo..."

76. *abdômen*: "A rima *abdômen* com *domem* é, do ponto de vista orto-épico, canônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto dos Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente, salvo nas situações tensas de cátedra, oratória ou teatro culto requintado." (Nota de Antônio Houaiss — N. Cl., nº 46, pág. 21.)

82. E' ainda de M. Cavalcanti Proença que vamos citar uma estatística: "No *Monólogo de uma sombra*, de Augusto dos Anjos, 55 entre 186 decassílabos (30%) são acentuados na 6ª sílaba, que é a tônica do proparoxítono." (*Ritmo e Poesia*, págs. 80-81.) Nos 88 decassílabos que ora estudamos, o poeta, que por este ritmo tem acentuado parentesco com Cesário Verde, ostentou 16 vocábulos proparoxítonos acentuados na 6ª sílaba (18%).

NARCISA AMÁLIA de Campos*



1
BONECA

Boneca!... Era uma vez a bonequinha humana,
Borboleta a voejar, sob véus de neblina,
Primavera de sonho e graça matutina,
Transfundidas na carne em rósea filigrana...

- Bela e ardente, dançou, qual brejeira cigana,
6 Nos laços da ilusão que se adensa e esborcina;
Mulher, envelheceu disfarçada em menina,
Alegre bibelô na ribalta mundana.

(*) Poetisa de grande formosura, cronista e tradutora. «Nas letras» — di-lo Antônio Simões dos Reis (*Narcisa Amália*, pág. 15) — «foi verdadeira deusa, em prosa e verso cantada, com exaltação, por tudo quanto houve de mais representativo na época.» O próprio Imperador D. Pedro II, quando em Resende, fez questão de conhecê-la pessoalmente, fato que ocorreu em 1874. Segundo Artur de Almeida Torres (*Poetas de Resende*, pág. 67), as poesias de Amália «se caracterizam pela delicadeza de sentimento, pela espontaneidade do estro e pela riqueza mu-

Nem renúncia no amor, nem lar de que se importe.
Mas, bailando febril, encontra, um dia, a morte,
Na dor que lhe crepeia o coração e a estrada...

A libélula cai sobre o charco profundo
E, no visco de lama, ouve apenas do mundo:
— “Boneca!... Era uma vez a boneca doirada!”

2 NOSSO FILHO

Guarda o tenro menino nascituro
Qual se trouxesses brando sol contigo.
Oferece-lhe os braços por abrigo,
O coração por lar ridente e puro.

Anjo frágil e pássaro inseguro,
Busca-te o pão de amor, radiante e amigo.
Corrige amando... Ampara sem castigo...
Vê na criança a aurora do futuro.

Não lhe firas os sonhos! Não lhe torças
A santa direção das novas forças
A caminho de flóreas primaveras!...

sical dos versos». Redigiu o jornal resendense *A Gazetinha*, tendo colaborado em outras folhas de Resende, bem como de Niterói, Rio e S. Paulo. «Foi a primeira mulher, entre nós,» — diz Edgard Cavalheiro (*Pan.* II, pág. 296) — «a erguer a voz em defesa de suas irmãs de sexo, numa tentativa feminista avançada para o meio acanhado e rotineiro de então.» Depois de residir em Resende, passou para o Rio de Janeiro, onde se consagrou ao magistério, até que veio a desencarnar, cega e parálitica, com setenta e dois anos de idade. (S. João da Barra, Estado do Rio, 3 de Abril de 1852 — Rio de Janeiro, Gb, 24 de Junho de 1924.)

BIBLIOGRAFIA: *Nebulosas*, poesias.

6. *Esborcinar*: quebrar as bordas de, golpear, escalavrar, partir, arruinar, etc.

Dá-lhe o teu próprio exemplo por escudo;
Tens no filho querido, antes de tudo,
28 O teu credor volvendo de outras eras.

3 LEI DE AMOR

— “Rua!... Rua, infeliz que me ensombraste o nome!...” —
Clama o pai, a rugir para a filha que implora:
— “Não me expulses, meu pai!... Temo a noite lá fora!...”
E ele mostra o punhal na fúria que o consome.

Voa o tempo a rolar, sem que a vida o retome...
Ele, desencarnado, ansioso e triste agora,
Traz à filha exilada o coração que chora,
Espírito a sofrer, em sede, chaga e fome.

Ela sente-lhe a dor, através da lembrança,
E dá-lhe um corpo novo, ante a luz que o descansa
Nos fios da oração, em celeste rastilho!...

E, mais tarde, no lar que os apascenta e acalma,
Ele diz: “Minha mãe, doce mãe de minha alma!...”
E ela diz a cantar: “Deus te abençoe, meu filho!...”

28. Via de regra, os Espíritos que voltam na condição de filhos, são, com efeito, antigas vítimas de seus atuais genitores. Acontece, porém, que, em outras circunstâncias, os filhos de determinado casal sejam desconhecidos de outras vidas, mas com igual quociente cármico perante a Lei de Causa e Efeito. Devem, por conseguinte, sob o mesmo teto, quebrar os velhos grilhões das dívidas que os mantêm chumbados ao solo das provações redentoras.